



revista de
POLVOREIRA
GUIMARÃES

Neno um Ilustre Polvoreirense

passado

presente

futuro

JUNHO 2021

Número: 42

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Realizou-se no dia 25 de junho, com início às 21h00, no Auditório da Universidade do Minho, a Sessão Ordinária da Assembleia Municipal que regressou, assim, às sessões presenciais. Esta assembleia é de assinalada importância para os Polvoreirenses já que nela se discutia a abertura de um concurso para a realização das obras, há muito reclamadas, nas Oficinas da Câmara instaladas na nossa freguesia. Naquela sessão foi aprovada a abertura de um concurso público para a execução de uma obra, denominada Novas Oficinas Municipais, com um valor total de € 4.904.911,34, a ser despendido durante quatro anos. A proposta do executivo da Câmara Municipal foi, desde logo, submetida a ratificação pela Assembleia Municipal que, de imediato a ratificou, com efeitos reportadas à data da deliberação camarária, nos termos do nº 3 e 5 do art.º 164 do Código do Procedimento Administrativo.



Morreu o Neno

Um cabo-verdiano que adoptou Polvoreira como a sua Terra.

Residia em Covas, há já cerca de vinte anos, e era sócio honorário da União Desportiva, estando sempre disponível para colaborar com todas as associações desportivas da freguesia e não só!

Participou em todas as iniciativas promovidas pela Junta, sempre que estava a elas associada a palavra solidariedade!

Foram desde o Cantar dos Reis, a eventos desportivos ou a acções de solidariedade, fossem elas com Timor ou com um jovem freguês da nossa freguesia, como abaixo se dá testemunho.



Doar sangue é preocupar-se com o próximo. Existem muitas pessoas que estão precisando urgentemente de doações de sangue, por que não ajudar?



Magusto solidário somou 7.195,50 euros

Uma freguesia unida! Associações culturais, associações desportivas, associações religiosas, a Paróquia, a Autarquia, todos reunidos à volta de Neno promovendo a solidariedade para com um Polvoreirense: Luís Ferreira!



Duas das candidaturas já apresentadas para a liderança dos destinos da nossa freguesia para os próximos quatro anos!





Nº 42 JUNHO 2021



04 e 05

Padre Isaac
capítulo XV

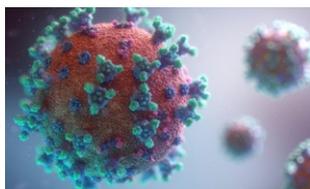
Mons. Araújo da Costa e Colégio Egas Moniz



06 e 07

Associativismo

Aniversário do Pe. Francisco Xavier, A UDP, a actividade social e desportiva, ARCOV, a Evocação da Tradição.



08

dos porquês...

A aceleração do conhecimento, a variante Delta do Covid - 18.



09

da saúde...

D. Celeste Ribeiro, um caso de sucesso na reabilitação.



10 e 11

Escola de Polvoreira

Os alunos da nossa escola e o ambiente

A Poesia, A Arte da Palavra!
Crónica da Sara Freitas



12 e 13

Cidadania

O Polvoreirense Neno, visto pelo Cabo-Verdiano, Adelino Augusto Graça Barbosa Barros



14

Os nossos colaboradores

Nuno A.P.O.E. de Abreu

**24 de Junho:
A Batalha de S. Mamede, o dia de S. João,
o dia de Guimarães, o aniversário de Portugal!**



Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

Conheci o Neno há mais de quarenta anos, quando ele se apresentou em Guimarães para representar, pela primeira vez, o nosso Vitória, contratado pelo António Pimenta Machado.

Vinha do Barreirense e, apenas uns meses mais velho que eu, a empatia com ele foi imediata.

A partir daí a sua carreira desenrolou-se entre o Benfica e o Vitória e não mais posso esquecer os festejos de 1988, quando o Vitória, com ele na baliza, conquistou a Supertaça depois de ter vencido o Porto, em Guimarães, e ter ido às Antas empatar, zero a zero, mantendo, assim, invioláveis as suas balizas.

Com o findar do século, findou a carreira futebolística do Neno, mas não acabou a sua ligação ao Vitória. Assumia o cargo de director das Relações Internacionais do clube.

E é aí que opta por vir residir para Covas. Era eu já presidente da Junta quando ele decide fixar a sua residência aqui bem pertinho da sede da nossa autarquia.

A ligação mantida durante estes vinte anos, foi sempre muito estreita e a sua disponibilidade para colaborar com a freguesia foi extrema. Mas isso deve-se fundamentalmente a ele! Ele gostava muito da nossa terra, da gente vimaranense.

Mas mais que as minhas palavras, valem as palavras do próprio Neno, ditadas, há quatro anos, a Rui Tovar, quando o jornalista lhe perguntou: - qual a sua primeira impressão de Guimarães?

Neno respondeu assim:

- Adorei a primeira impressão, a segunda, a terceira, a milésima e ainda hoje estou encantado com Guimarães.

Para já, havia aquele fascínio desde criança com a própria história de Portugal! E Guimarães é daquelas cidades sempre faladas. Havia o castelo. O primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Já havia uma certa familiaridade com a sua história, digamos assim.

No plano do futebol, havia o público, a paixão das pessoas pelo clube. As pessoas são genuínas, generosas. Se avariasse um carro no meio da rua, tinham logo 15 pessoas à tua volta. Um "gajo" saía à rua e ia almoçar. Quando acabasse de almoçar, alguém já tinha pagado a conta sem dar a cara. Íamos às fábricas e trazíamos lençóis, edredões e tudo isso. Fiquei encantado com a magia dessa gente. Se eu saísse de casa, as pessoas vinham à porta ver-me. Não havia nada disso no Benfica."

Bem hajas Neno, onde quer que estejas!



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costagustreireiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



Monsenhor Araújo Costa e o Padre Gaspar de Oliveira

Os primeiros dias em Mouquim, depois da chegada de Timor, foram naturalmente de festa. Como se disse, os pais haviam remodelado a casa onde o Pe. Isaac nascera. Encontrou na freguesia um Pároco jovem, o Pe. Gaspar Albino de Oliveira, um pouco mais novo que ele - fora ordenado sacerdote três anos depois - com quem se deu muito bem. Ofereceu-lhe os seus préstimos que ele aceitou prestimosamente. Tinha sempre ocupação. Nas confissões, nas substituições, na assistência a casamentos e em batizados, quer na sua paróquia quer em paróquias vizinhas.

Adiantando um pouco a história. O Pe. Gaspar deixou Mouquim pouco antes de o Padre Isaac ter sido nomeado Pároco de Polvoreira. Mas ficou na sua freguesia obra feita e muitos paroquianos com saudades dele. Foi paroquiar S. Mateus, em Oliveira, mas uma doença degenerativa obrigou-o a recolher-se a sua casa, na Trofa. Durante anos, ainda se encontraram periodicamente, mas a pandemia impediu as reuniões do Clero de Famalicão. Todavia, na nossa conversa, o Pe. Isaac não quis deixar passar a ocasião e aproveitou-a para manifestar o seu grande apreço pelo Pe. Gaspar que não sabe se ainda está vivo, mas a quem quer prestar aqui uma singela homenagem, destacando a sua simplicidade e raras aptidões para o exercício do seu múnus apostólico.

Mas voltemos à nossa história, a história do percurso do Padre Isaac, antes de ser pároco de Polvoreira.

Passaram depressa os meses de licença graciosa. Todavia, surgiu, entretanto, um incidente que alterou definitivamente o caminho que vinha sendo percorrido.

Um dia, veio ter com o Pe. Isaac seu pai que lhe contou, insistindo muito, que tinha visto um homem, ao anoitecer, a entrar em sua casa. Garantia saber quem era e onde morava. Ingenuamente, acompanhou o pai à morada indicada e foi confrontado com alguém que estivera, durante quinze dias, acamado sem poder sair de sua residência. Pediu desculpa pelo incidente e concluiu que o pai estava doente, tal como, afinal, a mãe já lhe havia insinuado e a que não dera muita relevância. Estava certa: o pai precisava dele.

Escreveu a D. Jaime, o Bispo de Timor, informando-o que não poderia regressar tão cedo à Diocese, dado o estado de saúde do Pai. Solicitava mais três meses de licença para o poder acompanhar no tratamento que declaradamente necessitava. A licença foi-lhe, de imediato, concedida. Mas a doença agrava-se, dia a dia, e o Padre Isaac concluiu que o pai estava perto do fim. Sentiu que não podia voltar a Timor sem antes o acompanhar à sepultura. Pai que tinha sido um homem bom, um bom pai. Que se tinha sacrificado para realizar os sonhos de jovem Isaac, que sempre esteve disponível para ele e, mesmo, quando o castigava, usava sempre de uma certa brandura.

Escreveu de novo a D. Jaime solicitando uma licença ilimitada já que não era previsível o tempo de vida do pai. Foi-lhe concedida uma licença, periodicamente renovável, e foi aconselhado a contactar na Metrópole um qualquer prelado com quem pudesse colaborar no desempenho das suas funções sacerdotais.

E foi aqui que o Oriente se esfumou nos caminhos do Padre Isaac!

Por acaso, cruzou-se o Padre Isaac, certo dia, com Monsenhor Araújo Costa, também ele nascido em Mouquim e por isso as famílias se conheciam desde há muito tempo. Por essa altura, Monsenhor Araújo Costa exercia as funções de Arcipreste de Guimarães e era um dos vigários episcopais da Diocese de Braga, no tempo do Arcebispo Francisco Maria da Silva. Convidou-o a passar um dia pela paróquia de Nossa Senhora da Oliveira.

A vida do Padre Isaac tomava aqui novo rumo.



Mons. António Araújo Costa

" Mons. António de Araújo Costa, nasceu na freguesia de Mouquim, Vila Nova de Famalicão, a 26 de Maio de 1915.

Terminada a instrução primária, dedicou-se alguns anos ao trabalho agrícola com seus pais e irmãos, pequenos proprietários rurais, que, entretanto, fixaram residência na freguesia do Louro do mesmo concelho.

Pelos 14 anos ingressou no Seminário Diocesano de Braga, concluindo o curso teológico em 1940. Nesse ano, a 30 de Junho, re-cebe a Ordenação Sacerdotal do Arcebispo Primaz D. António Bento Martins Júnior, celebrando a Primeira Missa, no Santuário do Sameiro, a 7 de Julho seguinte.

Acompanharam-no, nesta primeira celebração, além de seus pais, as quatro irmãs e amigos, os párocos das freguesias de nascimento de residência com o saudoso Padre Benjamim Salgado com a missão de cantar as glórias do sacerdócio na alocução da Santa Missa.

A 25 de Agosto de 1940, o mesmo Prelado nomeou-o Pároco de Vila das Taipas, exercendo aí o múnus pastoral durante 7 anos, servindo ao mesmo tempo, as Paróquias de S. Clemente de Sande e Barco.

A 19-10-1947, cessando o mandato na referida paróquia, toma posse da Paróquia de Nossa Senhora da Oliveira, como Pároco e Arcipreste de Guimarães, cargo que exerceu até 1978, renunciando ao mesmo por motivos de saúde.

Em 1960, o Santo Padre João XXIII nomeou-o Prelado Doméstico com o título de Monsenhor.

Em 1967, D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo de Primaz, confere-lhe o cargo de Dom Prior da Colegiada de Guimarães e Vigário Episcopal da Zona Pastoral de Guimarães. Em 1978, D. Eurico Dias Nogueira, nomeia-o Vigário Episcopal do Clero, cargo que exerceu até fins de 1981"

*In União Freguesias Cidade de Guimarães.
Junho de 2015*



Do Colégio Egas Moniz a Pároco de Polvoreira

O Colégio Egas Moniz

O Colégio Egas Moniz diz-me muito.

Foi a instituição de ensino que frequentei quando sai do Seminário. Fiz parte da turma, do quinto ano, a primeira que aquele colégio leccionou. Tinha lá ilustres professores, desde Bernardino Abreu a José Craveiro Lopes, passando pela professora de Físico-química, Dra. Maria Luísa, ou pelo simpático crítico, com um sorriso cínico que recordei com saudade, o Dr. Santos Simões, professor de Matemática e ilustre figura da cultura vimaranense.

José Craveiro era mesmo sócio do Arcebispo na titularidade do Colégio.

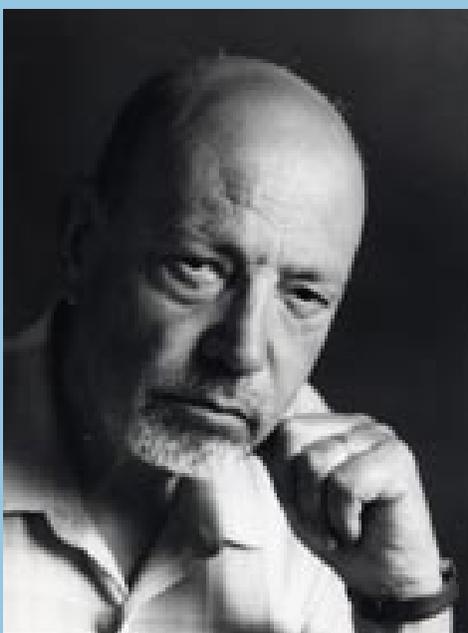
Na verdade, este Colégio, o primeiro destinado a rapazes, sediado em Guimarães, fora fundado pelo Arcebispo de Braga, António Bento Martins Júnior, com a participação de privados no seu capital social. Dizia ele que os particulares o ajudavam no pagamento das contas.

A ele acorreram muitos dos filhos de vimaranenses que frequentavam o ensino privado e que estavam matriculados em colégios, desde o Colégio das Caldinhas, em Stº Tirso, até ao D. Diogo Sousa, em Braga.

Depois de encerrar portas, no edifício esteve instalada a Escola Egas Moniz, mais tarde o Tribunal das Varas Mistas de Guimarães, e posteriormente, o Colégio de Sezim. O edifício acabou por ser comprado pelo grupo Pinto Brasil.

Apetece-me chorar!

Nuno M. de Abreu



Certo dia, o Pe. Isaac decidiu cumprir a sugestão de Monsenhor Araújo Costa e dirigiu-se à paróquia de N.ª S.ª da Oliveira.

Ao penetrar na portaria do edifício paroquial, deparou, desde logo, com o Pe. José Maria Lima de Carvalho, hoje Monsenhor a residir na casa Sacerdotal, em Braga. Afinal, um seu condiscípulo dos Seminários de Braga que o reconheceu imediatamente apesar de, naquele momento, estar de óculos escuros. Tinham-se passados muitos anos e o reconhecimento fora reconfortante. Quando o ouviu perguntar: - És tu Isaac? - sentiu-se um jovem de novo. Afinal, o tempo decorrido não fora assim tanto!

Recebido por Monsenhor Araújo Costa, foi-lhe oferecido o desempenho de uma função no Secretariado Nacional da Diocese que tinha lugar numa sala relativamente espaçosa, contígua à residência paroquial. Nela laborava apenas um funcionário que residia e auxiliava na casa da paróquia.

O Pe. Isaac não hesitou. De volta a Mouquim, fez as malas com as coisas mais necessárias, e dois ou três dias depois, apresentou-se em N. Senhora da Oliveira.

Naquele tempo, o Arciprestado de Guimarães tinha a seu cargo várias capelanias. Viviam na casa paroquial, juntamente com o Sr. Arcipreste Araújo Costa, vários sacerdotes. Cada sacerdote era responsável por um trabalho específico, na paróquia ou fora da paróquia de N.ª S.ª da Oliveira. Encontravam-se todos ao almoço ou no jantar. O Padre Isaac estava feliz com o desempenho das suas novas funções. Ajudava nas confissões da paróquia, participava nas procissões, ia, por vezes à Penha com Monsenhor Araújo Costa, a uma quinta que ele adquirira para a paróquia. Chegou mesmo a acompanhá-lo ao Porto, para ultimar assuntos com a transferência da propriedade daquela quinta para o Arcebispo.

Deu-nos conta, aliás, o Pe. Isaac, com saudade e reconhecimento, que, nesse dia, regressaram pela Póvoa de Varzim onde almoçaram, tendo o Monsenhor Araújo Costa pago do seu bolso o repasto.

Foram vários os sacerdotes que com ele se cruzaram na Senhora da Oliveira. Alguns conhecia já, porque foram do seu tempo do Seminário de Braga. Outros conheceu pela primeira vez.

Mas, certo dia, almoçou na residência paroquial o Padre José das Neves Machado, um dos sacerdotes que fora seu condiscípulo dos Seminários de Braga. Na conversa estabelecida perguntou-lhe se estaria interessado em o ajudar no Colégio Egas Moniz. Precisava de um Prefeito e vice-director do Colégio.

Depois de falar sobre o assunto com o Monsenhor Araújo Costa, decidiu aceitar. Iniciava aí uma nova vereda da sua vida. No Colégio Egas Moniz permaneceria como Professor durante três anos. Daí seria nomeado Pároco de Polvoreira.

Afinal, a razão principal porque estava ali fora a doença de seu pai, Alzeimar. Soube-o mais tarde. Ao tempo, pouco se falava disso. Hoje em dia quase toda a gente conhece a doença, quer os seus efeitos, quer, até, as suas causas. Estando em Guimarães, facilmente chegava a Famalicão para acorrer ao pai em qualquer eventual emergência.

Dos acontecimentos decorridos durante aqueles três anos, daremos conta no próximo mês.

António Gomes



rubrica

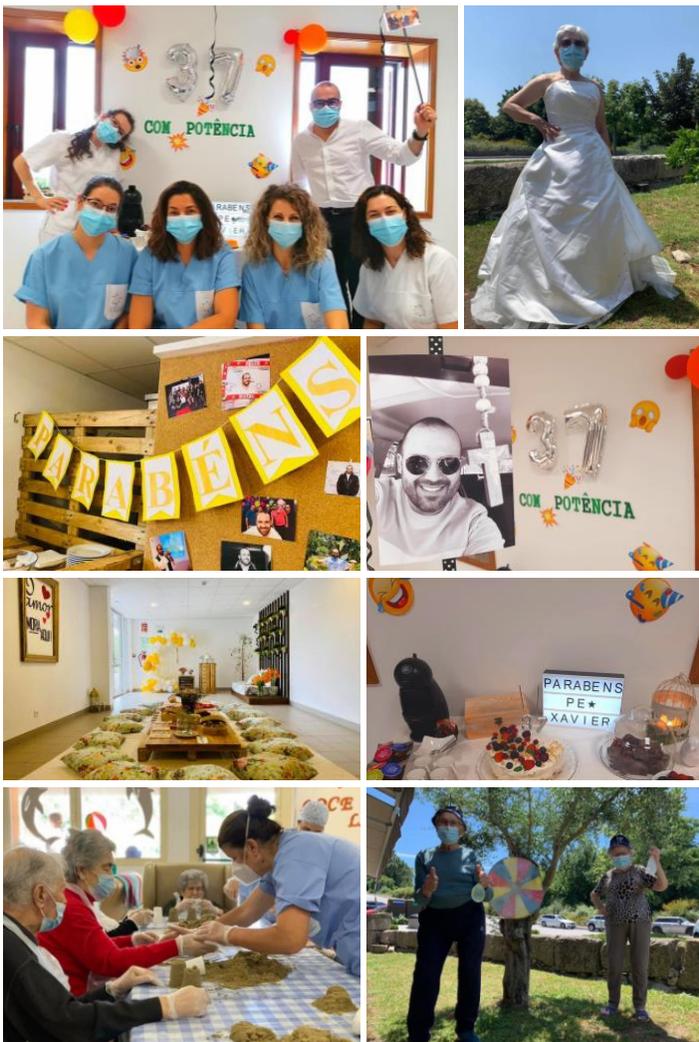
Associativismo

Actividade Associativa e Desportiva na UDP

Actividade Social no Centro Paroquial



O Padre Francisco Xavier fez 37 anos



Papa Francisco:
"A vaidade é como uma osteoporose da alma: os ossos do lado de fora parecem bons, mas por dentro estão todos estragados".



Papa Francisco:

"Quando era criança, ia sempre ao estádio do Clube Atlético San Lorenzo de Almagro. Íamos a família toda, incluindo a minha mãe."



Carlos Oliveira foi reeleito, por unanimidade, em Assembleia-geral, para um novo mandato de dois anos na presidência da União Desportiva Polvoreira.



A exposição dos 75 anos do S. João



SÃO JOÃO DE COVAS EVOCAR A TRADIÇÃO



A ARCOV, enquanto organizadora da Festa de São João de Covas entendeu, mais uma vez, não estarem reunidas as condições necessárias para a realização da edição deste ano da tradicional festa popular, nos moldes que são conhecidos por todos.

Esta medida continua a fundamentar-se no sentido de responsabilidade que todos devemos ter, atender à saúde pública neste período, ainda muito complexo, de pandemia que vivemos e que coloca muitas restrições à organização de eventos públicos suscetíveis de concentrar um número significativo de participantes.

Ainda assim, e porque esta iniciativa cultural é também de interesse concelhio, a organização está a promover uma exposição, ao ar livre, sob o tema "SÃO JOÃO DE COVAS – EVOCAR A TRADIÇÃO".

A abertura foi no passado dia 24 de junho, pelas 21:00 horas, e estará patente ao público até ao dia 31 de julho, no parque de lazer das Trofas (junto à sede), sito na Rua Francisco Silva Areias, freguesia de Urgezes.

A exposição tem como objetivo principal trazer à memória de todos esta tradição popular, mantida ao longo de várias décadas pelo movimento associativo.

Uma exposição que está dividida por décadas e nas quais se tenta em cada uma delas expor a evolução da Festa bem como homenagear todos quantos fazem ou já fizeram parte das várias comissões de Festas. Uma viagem no tempo, uma memória que se quer recordar e fazer com que as Festas de Covas não sejam esquecidas neste segundo ano em que a sua edição não pode ser realizada dentro dos moldes habituais.

Está assim feito o convite a todos, façam uma visita durante os dias que a exposição vai estar patente ao público e recorde os mais de 75 anos do SÃO JOÃO DE COVAS.

César Pereira

Os documentos onde se sustentam as comemorações dos 75 anos da 1ª celebração do S. João em Covas

"Comércio de Guimarães" em 17.5.46

"Notícias de Guimarães" em 6.6.47

Trabalha-se para novamente se levarem a efeito e com o costumeado brilho as Festas de Cúvas, que se realizaram pela primeira vez, nos dias 22, 23 e 24 de Junho de 1944.

As Festas de Covas

No sábado passado, pelas 19 horas, aproximadamente, foi a progressiva povoação de Covas despertada pela música de um potente alto-falante, e depois, pelo rufar estrondoso de um grupo de Zés Pereiras, ao mesmo tempo que se ouvia o estalejar de muitos foguetes, dando-se, assim, expressivo início às interessantíssimas Festas de Covas, cuja realização terá lugar nos costumeados dias 23, 24 e 25 do próximo mês de Junho.



Dois protagonistas

Datam de há três anos estas festas, que, desde então, tão bem



rubrica

dos porquês

A aceleração do conhecimento virológico, a simplificação do equipamento laboratorial e a variante Delta do Covid - 19

De certa forma, poder-se-á dizer que esta pandemia provocou um acelerado processo de produção de vacinas e um conhecimento bem mais aprofundado do vírus. Ou seja, um avanço significativo da ciência. Ainda não há um ano, se dizia que só haveria vacina contra o coronavírus depois de decorridos, pelo menos, dois anos, isto nas previsões mais optimistas.

Na verdade, o processo de produção de uma vacina é bastante complexo. Vai desde a sequenciação do genoma do vírus, passa pela identificação da proteína de ligação às células, e acaba nos inúmeros testes a terem de ser realizados, antes da aprovação.

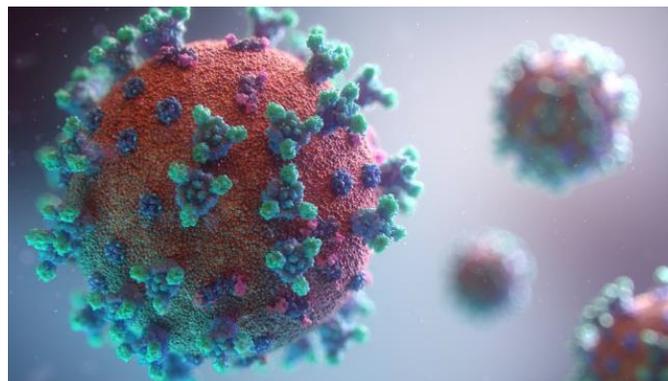
Primeiramente, são feitas pesquisas em laboratórios para avaliar as dezenas de possibilidades de composição da vacina. Posteriormente, são realizados testes em animais para comprovar os dados obtidos. Só depois a vacina começa a ser aplicada em humanos, a um pequeno grupo de indivíduos saudáveis. Numa segunda fase clínica, o grupo de indivíduos testados aumenta e torna-se mais heterogéneo permitindo obter uma maior comprovação da segurança. Apenas na última etapa a vacina é testada no público-alvo, a grupos de milhares de pessoas.

Dessa maneira, as pesquisas podem demorar anos para serem concluídas.

Com o coronavírus, em apenas um ano, surgiram meia dúzia de vacinas todas mais ou menos eficazes desde 60 aos 95%.

No início era muito difícil prever que mutações poderiam ocorrer. Mas agora, que tantas sequências de mutações do vírus foram estudadas, começam a ser constatados padrões de comportamento. Estamos a ver muitas mutações a ocorrer no gene do pico da infecção, o que acaba por ser importante para saber a forma como o vírus invade as nossas células.

O conhecimento adquirido com as mutações está a permitir aos investigadores identificar comportamentos recorrentes das várias estirpes do coronavírus. As descobertas conduzem a um passo fundamental: colocar a ciência um passo à frente da pandemia e prever novas estirpes.



As mutações em alguns genes são particularmente importantes para estudar o vírus e permitir produzir vacinas contra diferentes partes do vírus.

No laboratório de Oxford, no Reino Unido, a investigação está especializada na sequenciação genómica, isto é, no mapeamento do ácido desoxirribonucleico, o denominado ADN.

Para analisar o ADN normalmente era necessário usar uma máquina do tamanho de um frigorífico, que custa centenas de milhares de euros. Mas por causa da pandemia, em Oxford, foi desenvolvido um aparelho muito mais pequeno, que cabe na palma de uma mão, que custa cerca de mil euros e pode simplesmente ser ligado a um computador.



Estes aparelhos, alertam os cientistas, podem revelar-se muito úteis sobretudo em regiões onde há falta de infraestruturas de sequenciação de ADN: os países mais pobres, onde as pessoas vão ter de esperar mais tempo por vacinas e em que o risco de um agravamento da pandemia é real.

A variante Delta da Covid-19, que teve origem na Índia, está a gerar grande preocupação um pouco por todo o mundo. De acordo com Tim Spector, responsável pela criação de uma aplicação sobre o estudo dos sintomas da Covid-19, pela empresa de investigação científica Zoe, quem contrair a nova variante pode sentir sintomas semelhantes à de uma forte constipação, principalmente nas camadas mais jovens. Os dados recolhidos no estudo revelaram que, apesar de não se sentirem "muito doentes", esta camada mais jovem continua a poder ser uma forte fonte de contágio.

Alguns sintomas associados ao coronavírus como a febre, a perda de olfato e paladar, tornaram-se agora menos comuns. Graças ao novo estudo sobre os sintomas da Covid-19, os investigadores descobriram que as dores de cabeça, o pingo no nariz e as dores de garganta são agora os sintomas mais associados à variante Delta.

Uma vez que podem ser facilmente confundíveis com sintomas de constipação, aquele cientista aconselha a realização de testes para evitar o aumento de casos e, conseqüentemente, de contágios.

Faça o teste!

Mota Reis



rubrica

da saúde

Celeste Ribeiro, um caso de sucesso na reabilitação



Centro de Reabilitação
de Guimarães

Inicialmente, as dificuldades na comunicação, locomoção e até deglutição eram evidentes. A dedicação, carinho e empenho da equipa multidisciplinar do Centro de Reabilitação de Guimarães (CRG) fizeram a diferença na vida da ex-modista Celeste Ribeiro, que aos 90 anos recuperou a alegria e a independência. São casos como este que enchem de orgulho os profissionais do CRG, por poderem contribuir para um outro rumo dos dias dos seus clientes, residentes ou não no CliHotel de Guimarães.

Vários AVC's deixaram-lhe sequelas múltiplas. Ainda esteve numa temporada em casa da filha, Elisabete Ribeiro, em Braga, «mas as coisas foram piorando e o último AVC deixou-a acamada, a ser alimentada por sonda e sem reconhecer as pessoas. Estava num estado muito mau e não conseguia mantê-la em casa. Estava completamente dependente», lamenta a descendente.

A família procurou no CliHotel de Guimarães o apoio especializado que não conseguiam garantir em casa. «Achávamos que nunca iria recuperar, que nunca mais iria andar, que nunca iria retirar a sonda», recorda Elisabete Ribeiro, professora, que, antes, havia contratado companhia diária para a mãe.

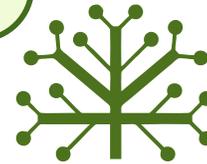


A força de vontade de Celeste Ribeiro e o empenho de uma equipa dedicada fizeram, contudo, a diferença. «Ficámos muito admirados com a evolução. Quando começou a andar na cadeira de rodas, foi um espanto! Quando a colocámos no CliHotel nunca pensámos que voltaria a falar, foi uma recuperação fantástica», diz a filha, maravilhada e com os olhos lacrimejantes.

«Quando estava em casa, já tínhamos recorrido à fisioterapia, mas a minha mãe não queria. Hoje, ficámos espantados com as coisas que faz. Dançar, não queria, não era do feitio dela. Hoje dança muito bem», expressa, com enorme satisfação, Elisabete Ribeiro, consciente de ter feito a melhor opção para a vida da mãe.

O que dizem os profissionais

«A dona Celeste Ribeiro recorreu ao nosso piso de internamento em novembro de 2019 com um quadro clínico muito débil e com muitas reservas. Estava numa situação de dependência total, acamada, e hoje temos uma Dona Celeste recuperada», revela Andrea Almeida, diretora técnica do CRG.



CliHotel
de Guimarães

Paula Ferreira, fisioterapeuta que a tem acompanhado de muito perto, expressa também a sua satisfação com a evolução muito favorável do quadro clínico de Celeste Ribeiro: «Neste momento, encontra-se praticamente independente nas atividades da vida diária. É um caso que me dá muito orgulho porque tem evoluído de uma forma muito gratificante».

«A dona Celeste entrou no CliHotel alimentada por sonda nasogástrica, isto porque tinha apresentado alguns períodos de recusa alimentar e também por não apresentar capacidades de deglutição eficientes», conta Sara Silva, nutricionista, que começou por fazer uma transição para dieta mole e cremosa, que Celeste Ribeiro «foi tolerando muito bem, até chegarmos ao dia de hoje em que temos uma Dona Celeste com um estado nutricional ótimo, alimentada por dieta geral».

Celeste Ribeiro sempre disse à família que jamais queria ir para um lar. «Mas no CliHotel, onde há o apoio do Centro de Reabilitação de Guimarães, a minha mãe sente-se muito bem, está muito bem integrada e tem evoluído bastante.», constata a filha.

Celeste Ribeiro pode já não conseguir exercitar os seus dotes vocais na missa, mas continua a cantar e a sorrir para a vida.



rubrica

a nossa...



Os alunos da nossa Escola aprendem a cuidar do ambiente



"A educação ambiental para crianças deve começar na escola. O destino do planeta está nas mãos delas, por isso é importante que, desde pequenas, elas aprendam a racionalizar os recursos e a contribuir com seu grãozinho de areia na luta contra as mudanças climáticas. O resultado dessa difícil prova pode ser um mundo mais sustentável e melhor para viver. O ensino primário é uma etapa-chave no desenvolvimento da conduta, da consciência social e da solidariedade. **Na escola, aprendemos valores e comportamentos que nos acompanharão na idade adulta e nos definirão como cidadãos.** Por isso, é importante promover o interesse dos alunos em preservar e proteger o meio ambiente durante essa etapa. O objetivo de ensinar educação ambiental para crianças é fazer com que elas passem a cuidar da natureza como parte da vida delas, em vez de se limitarem a estudá-la. **Essa disciplina busca que as crianças desenvolvam uma mentalidade ecológica firme para enfrentar os atuais desafios ambientais a partir da participação e do compromisso.**"



A Poesia, a Arte da Palavra!

por Sara Freitas
Docente na Escola Secundária
de Fafe



A poesia faz-nos descobrir o impossível, sonhar, reviver!
A poesia é alegria e comunicação. É viver!...

Especifiquemos um pouco melhor.

Quando pensamos em poesia, o poema, como um conjunto de versos, surge-nos em primeiro plano, no entanto, a poesia pode estar em todas as coisas: num olhar, nos pequenos gestos, numa simples e desprezível atitude! A poesia não é propriedade da literatura: há poesia na fotografia, na música, no teatro, nas artes plásticas e em tudo o que provoca no leitor/espectador uma experiência sensorial. É óbvio que, sendo-o, é um ato pessoal e íntimo, pois o que para mim é poesia, pode nada significar ao outro. A poesia só existe quando totalmente sentida e compreendida. Alexandre Blok diz que ouve a música do Mundo dentro das palavras. E, citando-o, Manuel Alegre diz que os poetas precisam de quem os saiba ler assim.

Deste modo, a poesia ou texto lírico é a utilização da linguagem com fins estéticos ou críticos. A poesia é a arte que ensina e a obra feita com a arte. A arte é a poesia, a obra o poema e o artífice o poeta. A poesia serve-se de palavras, significados e recursos estéticos, prevalecendo a estética sobre o conteúdo, já que combina a fonética, a sintaxe e a semântica.

É a arte de poetizar que nos permite exprimir aquilo que experienciamos e sentimos. E, o poeta, pelo único meio que conhece, a palavra, dá sentido e descreve a essência das coisas em cada momento da vida, a única expressão sincera de liberdade. E é o poema que regista e prolonga esse momento, porque, segundo Torga, "...escrever é um ato ontológico".

Nem todos podemos dizer como Pessoa: - Aconteceu-me um poema. E fingindo esse sentimento, poetiza: - O poeta é um fingidor que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente. Ou, como Sophia de Mello Andresen que escreve: - O poema aparece feito, emerge, dado (ou como se fosse dado). Como um ditado que escuto e noto.

Quase todos os poetas fazem poesia sobre poesia, isto é, questionam e explicam a dificuldade inerente à arte poética. Felizmente, ainda há quem resista e faça da poesia uma prioridade. Ainda há quem escreva para nos deleitarmos, apesar da poesia ser um dos géneros menos lido.

Tiago Gonçalves, um aluno de 17 anos, que vai lançar um livro de poemas inéditos, este mês, é um exemplo dessa persistência, é, sem dúvida, um promissor escritor. Deixo, em caixa, um pequeno poema da sua autoria precisamente sobre a angustiante necessidade de poetizar que persegue os poetas.

Sara Freitas

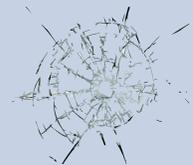
Poema de Tiago Gonçalves

Luz do meu pranto,
Porque me queres tanto?

Vivo esta história
À luz da memória,
Nesta falência
De sentidos



Cheiro, longemente perto,
Este terror dos deuses,
As árvores vergadas sem fruto,
Os vidros despedaçados



Na alma. Bem queria o desafogo
E a possibilidade
De contornar este meu destino!

Poema de Cesário Verde

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.



Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve conta à botica!
Mal ganha para sopas...





rubrica

cidadania

O Polvoreirense Neno visto pelo Cabo-verdiano Adelino Augusto Graça Barbosa Barros



"Nasci na primeira cidade colonizada pelos portugueses, a Cidade Velha. Lá é que era feita a venda dos escravos da Guiné. A Cidade Velha é conhecida por ter um forte lá em cima, que agora está a ser remodelado pelo Siza Vieira.

Aos quatro/cinco anos, ainda era muito criança, fui para a Praia que era o centro de tudo.

O meu pai era uma pessoa muito profissional e muito trabalhadora, conhecida na Cidade Velha, enquanto a família da minha mãe, a Leitão da Graça Barros, era mais conhecida na Praia.

O curioso é que só vim a conhecer a Cidade Velha há pouquíssimo tempo e aquilo fez-me confusão, porque achei tudo aquilo pequenino, muito pequenino: o pelourinho, a igreja, o cemitério. Mais curioso ainda, dentro dessa igreja, está enterrado um padre e o meu avô paterno, duas figuras beneméritas da cidade.

Fiquei até aos 12 anos, sempre na escola, sem jogar futebol. Ou melhor. Oficialmente não. Jogava às escondidas de meu pai. Quando tinha 9 anos e era convidado pelas pessoas de 19, 20, para ir à baliza dos jogos deles, tinha de fingir o meu pai. Ele não podia saber nunca destas minhas iniciativas. Aí entra a minha maior aliada. A minha mãe, que me protegia sempre as costas.

Havia uma regra lá em casa: eu e todos os meus irmãos tínhamos de estar todos sentadinhos à mesa à hora do almoço. O meu pai chegava, sentava-se e comíamos. No final da refeição, só nos levantávamos depois de ele se levantar.

Era professor. E dos bons. Foi professor do presidente de Cabo Verde. E ele, quando veio a Guimarães, disse-me que viu o meu pai dar-me um cascudo lá em casa. O Primeiro-Ministro de Cabo Verde foi meu colega de turma e também foi aluno do meu pai. Portanto, toda essa geração de governantes, foi educada pelo meu pai.

No tempo em que jogava no Benfica e fizemos um estágio no Tivoli, em Sintra, uns seguranças foram chamar-me ao quarto porque havia uma pessoa lá fora à minha espera. Saí do quarto e encontrei um senhor, ex-Primeiro-Ministro de Cabo Verde e aluno do meu pai. Lembrava-se bem da palmatória com que o meu pai lhe batia. Quando a seguir estive com o meu pai, contei-lhe o episódio: - Ó pai, estive com uma pessoa que lhe deve o cargo de Primeiro-Ministro. Diz ele que o pai tanto lhe bateu que ele começou a frequentar as aulas, com medo de levar mais. Se não fosse você, disse-me ele, hoje era um bandido ou um assassino. Em vez disso, concentrou-se na escola, formou-se e foi Primeiro-Ministro.

Há histórias assim. Como era criança na altura, não tinha noção de quase nada. Com o passar dos anos é que as pessoas vinham ter comigo e contavam-me episódios destes que servem para perpetuar a memória do meu pai!

No ano passado, por exemplo, fui padrinho de um torneio nos Açores e encontrei uma senhora que me convidou a visitar a sua casa. Eu disse-lhe que estava ocupado, com a agenda apertada por causa do torneio, e ela insistiu bastante, disse que eram só uns 15 minutos para conhecer o pai dela. Muito bem. Combinei com a organização e acertei passar pela casa da senhora os tais 15 minutos. Qual não é o meu espanto quando o pai da senhora me mostra um diploma da passagem da 3.ª para a 4.ª classe assinado pelo meu pai.

Além das aulas na escola, o meu pai dava aulas privadas lá em casa que, já agora, era grande, muito grande. Por isso mesmo, havia dois quartos utilizados pelo meu pai para dar aulas a quem mais necessitasse, àqueles que não tinham dinheiro para pagar os estudos. Fazia esse trabalho por caridade e esse senhor, pai da senhora dos Açores, foi um dos felizes contemplados. Olhem só. O meu pai até fez um quintal em casa para convidarmos quem quiséssemos, entre primos e amigos. Era a ideia dele para evitar que saíssemos de casa.

Durante aquele tempo, tinha de correr contra o tempo. Literalmente! Efolava-me todo para estar em casa às 7 em ponto. O meu pai não me permitia jogar futebol. Nem mesmo cá em Portugal. Ele só queria que eu estudasse. Quando lhe disseram que eu nasci para jogar futebol, ele foi muito direto para essa pessoa: 'Muito bem, ele pode jogar; ao primeiro chumbo, acaba-se o futebol porque ele veio cá para estudar'.

Temos de ver isto no contexto de há 40 anos, em que o futebol era uma profissão malvista, mal-amada por todos. Tanto pelos próprios pais dos jogadores como pelos pais das meninas que os jogadores namoravam. Era uma profissão sem futuro, de curta duração."

segue na página seguinte



rubrica

cidadania

O meio irmão e a vinda para Portugal

"O meu obrigava-me a primeiro de tudo estudar- Se chumbasse, adeus futebol. O meu pai era estilo Salazar: era aquilo e acabou. Não há volta-atrás.

Como sabia a maneira de funcionar do meu pai, dei sempre o máximo para passar de ano. Era o meu passaporte para jogar futebol.

Eu não era um estudioso, aquele tipo de aluno que pega em livros constantemente. Prestava era muita atenção na aula e interiorizava tudo o que os professores diziam. Aprendia na hora, não era de estudar muito, repito. Além disso, tinha um professor em casa. Ou seja, o meu pai que me ajudava bastante e me dava conselhos.

Dizia-me coisa que nunca esqueci:

- Nunca saias da aula com dúvida ou sem perceber a matéria; mesmo que os teus colegas te achem um burro do caraças, pergunta ao professor para repetir a ideia até a entenderes.

O meu pai foi a pessoa mais inteligente que conheci em toda a vida. Quando lhe perguntava sobre uma palavra difícil dita na aula, ele olhava para mim, ouvia a palavra e dizia-me logo o que ela queria dizer. Que era um adjetivo, que era isto, que era aquilo. Ainda estava eu a agradecer a ajuda e ele a alertar-me para o contexto da frase para saber se a palavra encaixava ali na perfeição. E eu 'sim, sim, é isso, bate certo'. E ele dizia-me: - Espera, vai lá buscar o dicionário para confirmar. Eu ia à procura da palavra e lá estava ela com tudo aquilo que o meu pai tinha dito. Dentro da minha ingenuidade, chegava a pensar que a professora tinha falado com ele sobre aquela palavra. Só que não, então percebia que ele sabia tudo de trás para a frente e da frente para trás.

Talvez por isso, muitas pessoas cultivavam o gesto de visitar o meu pai em casa.

Mas com o 25 de Abril tudo mudou. Depois do 25 Abril, houve vários problemas com as propriedades de vários senhores em Portugal. O mesmo aconteceu em Cabo Verde. Ora bem, o Governo quis tomar as propriedades do meu pai. Deu-se até um caso engraçado. O meu pai, que costumava circular perto da Praia, como Tarrafal e São Vicente, como se fossem as Taipas aqui perto de Guimarães, encontrou um miúdo inteligente. No meio do nada. Foi falar com os pais dele e disse-lhes: 'vou levá-lo para casa, vai estudar com os meus filhos e, quando for alguém, ele volta para aqui, não se preocupem.'



Os seis irmãos de sangue de Neno mais o meio irmão que veio estudar para Coimbra



Assim foi, esse rapaz foi lá para casa e cresceu connosco, lá em Cabo Verde. Formou-se em Coimbra. Dá-se o 25 Abril e ele volta para Cabo Verde. Entra no Governo e é ele quem impede que as propriedades do meu pai sejam tomadas. Defendeu-as intransigentemente. Se não fosse ele, o meu pai perderia as terras. Esse rapaz, agora um senhor, claro, ainda está vivo e pertenceu a mais Governos, depois desse.

É o senhor Veiga, meu meio-irmão.

Em 1973, vim para Portugal para estudar. Dois anos antes tinha vindo o meu pai a Portugal fazer uma formação na Universidade de Coimbra. Quando chegou a Cabo Verde, disse à minha mãe que queria que os filhos fossem todos educados em Portugal.

Lembro-me que quando nós viemos em definitivo, após o 25 Abril, cada retornado podia trazer 16 contos. Com os meus pais, éramos nove ao todo. Feitas as contas, com aqueles 144 contos instalámo-nos no Barreiro. Como sou um aventureiro, um homem do mundo, adaptei-me facilmente. Cabo Verde estava rodeado por mar e era pequeno, por isso para mim Portugal era grande, enorme. Já tinha viajado de avião entre ilhas em Cabo Verde mas nunca tinha visto um comboio. Ainda hoje não há comboios em Cabo Verde! Foi todo todo um mundo novo, foi o despertar de uma curiosidade só vivida até então no papel. Sim, porque na escola, tínhamos de saber todos os rios de Portugal e das colónias, todos os caminhos-de-ferro e por aí fora. De repente, vejo aquilo que estudei durante anos e anos.

Mas antes de continuar a lembrar vou contar uma pequena história que literalmente me deixou marcas para toda a vida. Tínhamos em casa uma senhora que tomava conta de nós e nos vestia sempre de igual para sair. Se o mais velho fosse de branco, os outros iam de branco. Só havia a diferença nos sapatos: os meus eram sempre brancos. Raramente via a minha mãe. Quando a via, enrolava-me logo nas saias dela. Uma vez, vi a minha mãe e corri até ela. Não vi o desnível da calçada e fui de cabeça ao chão. Fiquei com esta marca para sempre na minha cara. A marca da minha mãe.

O meu primeiro ano de vivência em Portugal foi complicado e só queria voltar para Cabo Verde. Um frio! Nossa senhora! Eu tremia de manhã, a caminho da escola, a escrever na carteira! Eu tremia sempre. Que frio, que diferença abismal.

Outra coisa impossível eram os gases que a fábrica da CUF lançava para a atmosfera sempre que surgia o nevoeiro que nem se podia respirar!

Foi uma aprendizagem terrível!"

Resumo de uma entrevista dada a Rui Tovar do Observador em 2017



os nossos colaboradores



**Dia 24 de Junho:
A Batalha de S. Mamede,
o dia de S. João,
o dia de Guimarães,
o aniversário de Portugal!**



A Batalha de S. Mamede travou-se a 24 de Junho de 1128, e nesse dia celebra-se a identidade do nosso concelho.

Também nesse dia, a Igreja comemora a festa litúrgica de São João Batista, o anunciador do surgimento de novos tempos divinos.

É ainda, um dos dias mais longos do ano no hemisfério norte, próximo da data do solstício de verão, onde se anuncia o surgimento de novos tempos terrenos.

Desde logo, a junção dos novos tempos divinos com os novos tempos terrenos, constituiu um bom prenúncio para que um marcante acontecimento histórico tivesse nesse dia lugar.

Possivelmente o cônego do Mosteiro de Santa Cruz que redigiu os "Anais de D. Afonso", sessenta anos após o decurso dos acontecimentos, tivesse aproveitado as coincidências constatadas na miscigenação entre o sagrado e o profano, para invocar que elas resultaram, tão-somente, da vontade celestial.

Assim, escreveu:

"D Afonso, com o auxílio do Senhor e graças à clemência divina, e também graças ao seu esforço e persistência, mais que à vontade e ajuda dos parentes, apoderou-se com mão forte do reino de Portugal".

Parece evidente que nesta luta pela condução dos destinos do Reino de Portugal, a grande maioria das famílias nobres portugalenses, de Entre Douro e Minho, estivessem do lado de Afonso Henriques e não do lado da D. Teresa. A própria irmã de Afonso Henriques, Sancha Henriques, casada com D. Sancho Nunes, galego, que foi governador de Ponte de Lima, alinhava com o irmão neste combate contra a mãe.

Por seu turno, D. Afonso VII, de Leão e Castela, era bem mais favorável à autonomia de um reino que fosse vassalo do seu tão ansiado império, de que dum outro que englobasse a Galiza e Portugal, entronizado pela tia, D. Teresa, que sempre lhe recusara prestar vassalagem.

Na verdade, é já depois do cerco a Guimarães que surgem vários documentos que comprovam que Afonso Henriques, a partir daquele momento, assumira os destinos do condado, agora reino.

Por isso, estou convencido que mais que "uma primeira tarde", a Batalha de S. Mamede é a aurora de Portugal.

Cláudio Sanchez-Albornoz, consagrado historiador espanhol, no seu volumoso trabalho publicado, em 1997, sob o título, "*España - Un Enigma Histórico*", emitiu a opinião de que Portugal constitui um "azar histórico" pois "*não há diferenças psíquicas e temperamentais, que separem a gente portuguesa da gente castelhana*".

Naturalmente, Sanchez-Albornoz, apesar de grande historiador, desconhece que Portugal foi gerado na Vila de Vimaranes, terra de um povo que genuinamente ama a sua terra, defende intransigentemente a sua identidade, mitologia, mesmo, a sua própria realidade, pertinho do Monte Lijó, onde nasceu Polvoreira.

José Mattoso, aquando do 850º aniversário da batalha de S. Mamede, escreveu um artigo registado nas "*Actas do Congresso Histórico de Guimarães*" intitulado: "*Cluny, Cruzios e Cistercienses na formação de Portugal*" onde afirma:

"uma nação brota lentamente ao reunir, aos poucos, os seus elementos constituintes".

Yuval Noah Harari, na sua obra "*Sapiens*", escreve:

"A humanidade nasce quando um grande grupo de sapiens sapiens, estranhos entre si, consegue cooperar com êxito, graças à obtenção de crenças em mitos comuns".

A nação portuguesa começa a brotar quando Vimara Peres se instala em Guimarães e reúne à sua volta, gente com crenças e mitos comuns, gente com identidade, identidade que se vai intensificando ao longo de 203 anos, tempo de duração do condado de *Portus-Calle*, que tem um pequeno interregno, durante 25, que a fortaleceu ainda mais, que se renova em 1096 e atinge a consciência plena da sua identidade coletiva em 1128, quando a burguesia vimaranense se sacrifica à volta do seu Castelo em prol da defesa da sua nação.

A Reconquista Cristã permitiu a criação de diversos reinos na Península Ibérica assentes nas ruínas do império Romano, mais tarde, nas do Visigótico e, por último, nas do Muçulmano. Foi assim que surgiram os reinos da Galiza, Leão, Castela, Navarra, Aragão ou Portugal. Todos desapareceram debaixo do domínio de Castela, menos um: Portugal.

Porque nasceu em Guimarães.



info



A confissão das más ações é o primeiro passo para a prática de boas ações.

Santo Agostinho

PENSADOR



A necessidade de confessar os erros cometidos como condição para ver remidos os pecados é estruturante da prática do cristianismo e, por simbiose deste com a história cultural europeia, estruturante também da civilização ocidental.

Um dos pilares que sustenta a credibilidade religiosa ou política é a capacidade de os seus dirigentes reconhecerem e confessarem os erros cometidos. A violação deste princípio moral e ético conduz-nos à perda da fé e ao retrocesso civilizacional.

A miscigenação entre princípios morais do Cristianismo e os éticos da civilização Ocidental fixou-se, a partir de 27 de Fevereiro de 380, quando o imperador Teodósio, já nascido em Hispânia, mandou publicar o Édito de Tessalónica, também conhecido como "De Fide Católica", no qual estabelece o cristianismo católico com a religião oficial em todo o território do Império Romano.

Anos antes, havia nascido Santo Agostinho, filho de Mónica que foi declarada Santa - Santa Mónica - por ter convertido o seu filho Agostinho ao Cristianismo.

Santo Agostinho, doutor da Igreja, escreveu, entre outros trabalhos, duas obras, "as Confissões" e a "Cidade de Deus". Estas publicações, reeditadas periodicamente e, por isso, à venda nas nossas livrarias, são tidas como obras-modelo por biógrafos, teólogos, historiadores ou filósofos.

Em "Confissões", na sinopse da apresentação que a Bertrand faz do livro, escreve que nele Agostinho «confessa com sinceridade, humanismo e flagrância os problemas da sua vida de homem religioso e atormentado, que são afinal os problemas de todos nós»

Aí, Agostinho, confessa, por exemplo:

"Durante anos eu vivia em companhia de uma mulher a quem não estava unido por legítimo matrimónio mas que a imprudência de uma paixão inquieta me fez encontrar. Era, porém, uma só e eu era-lhe fiel. Com esta união experimentei pessoalmente a diferença entre o laço conjugal instituído com vista da procriação e uma ligação baseada apenas na paixão sensual, da qual podem nascer filhos sem serem desejados, embora uma vez nascidos se imponham ao amor dos pais."

Mais adiante diz contritamente:

"Eu quis roubar e o fiz, não por necessidade, mas por falta de justiça e aversão a ela por excesso de maldade. Roubei de facto coisa que já possuía em abundância e de melhor qualidade; e não para desfrutar do que roubava, mas pelo gosto de roubar, pelo pecado em si."

A obra de Santo Agostinho é tida por muitos como património universal. Tão grande a sua importância para o pensamento ocidental que mesmo aqueles que não professam a fé cristã o têm em grande estima tanto pelo seu valor filosófico como pelo seu valor moral e ético.



Hoje ao olharmos para o comportamento de certos políticos e responsáveis religiosos não podemos deixar de pensar: Como faz falta a esta gente ler as Confissões de Santo Agostinho! Porque como ele diz:

"O orgulho é a fonte de todas as fraquezas porque é a fonte de todos os vícios"

JANELA DA SAUDADE



Missa do 30.º Aniversário

João Pereira

Travessa do Arcal, 9
Polvoreira, Guimarães



FALECEU

José Alberto Mendes de Freitas

Rua Ribeiro do Pinto, n.º 812
Polvoreira, Guimarães



Memorial



AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.



253 523 580
253 524 057

966 037 910
966 618 931

funerariasapetro@sapo.pt



CAFÉ RIO
RESTAURANTE



253 523 841
936 806 682
934 801 904

**FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS**

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



Est. 1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

**COMPRO E VENDO
EQUIPAMENTOS USADOS**

**FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS**

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242



**RESTAURANTE
TREVÓ
GUIMARÃES**




Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372



**CASA DOS
BOMBOS ALVES**
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

**O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda**



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal




Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar



Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

**TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS**

Sonhe, nós
desenvolvemos!

**Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.**

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

**Apoie as associações
de Polvoreira!**

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães

